

O TEMPO DO DESENHO: PARAR PARA CRIAR

MATHEUS SARAÇOL FOLHA¹; HELENE GOMES SACCO ²; NÁDIA DA CRUZ SENNA ³

¹UFPEL – matheus.folhas@hotmail.com

²UFPEL – sacco.h@gmail.com

³UFPEL – alecrins@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido apresenta parte de minha pesquisa em direção a qualificação dentro do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, vinculado ao Centro de Artes. Dentre as etapas aqui apresentadas está a passagem de análise do meu processo de criação durante momentos de orientação, da mesma forma se fazendo também sobre a produção artística/reflexiva já existente e o Trabalho de Conclusão de curso defendido no início de 2017.

Visibilizo aqui as modificações da pesquisa que partiram com o foco inicialmente das relações do desenho expandido dentro do meu fazer artístico e desviaram-se para o tempo do desenho dentro de uma sociedade de extrema exigência produtiva e sem reflexões sobre seus produtos. Para isso trago uma escrita com influências em teóricos e artistas que trabalham o desenho, como por exemplo Edith Derdyk, Icleia Cattani e Vilanova Artigas; o corpo, Denise Siqueira, Denise Sant'Anna e Beatriz Pires; o imaginário, Juremir Machado da Silva; a ficção Umberto Eco e Jorge Luís Borges. Também trago Giorgio Agamben para pensar sobre o tempo e como ocorre seu deslocamento dentro de suas noções comuns, para isso parto do capítulo “O PAÍS DOS BRINQUEDOS: reflexões sobre a história e o jogo” do livro “A infância e a história: ensaio sobre a destruição da experiência”

Destaco as divisões importantes para nortear meu trabalho e dou foco às questões do processo de criação e suas percepções. Com isso apresento nas divisões a seguir a importância da retomada de momentos de pausa da *correria diária*, dentro de meu processo, assim como a importância da mesma. Visto que o processo do desenho e o repertório imaginário que a contemporaneidade nos propicia (filmes, animações, história em quadrinhos, redes sociais) apresentem um tempo próprio de fazer, consumir e pensar.

2. METODOLOGIA

O início da pesquisa partiu da procura, acumulação e leitura de textos acima do desenho, corpo, imaginário, ficção e o tempo de pausa dentro de uma sociedade que busca a extrema produtividade. Entre as leituras foram surgindo desde “uma anatomia do gesto criador” da artista e pesquisadora Éliane Chiron; texto que trata das questões da memória ligada ao trabalho em momento de presente fazer e dos restos deixados pelo material usado no processo de criação; até “Sociedade do Cansaço” do filósofo Byung-Chul Han; livro que traz os problemas da sociedade contemporânea e suas influências na população. Os referenciais surgiram durante orientação, além de minha passagem pelas disciplinas do primeiro e segundo semestre do PPGAV.

O projeto inicial da pesquisa possuía como foco o desenho expandido, ou seja, seus modos de se fazer presente além do plano bidimensional, reconhecer a presença desta linguagem em demais espaços, como por exemplo alguns trabalhos da artista Edith Derdyk em que são tensionadas entre paredes um conjunto de linhas de costura, contudo o foco de meu processo de criação mostrou um desvio que se fazia sobre a questão do tempo do trabalho dentro do meu fazer artístico, não somente de sua produção física, mas também reflexiva. Este tempo que se faz oposto a velocidade de produção e consumo exigida na contemporaneidade.

Como debatido durante orientação meu trabalho apresenta seu próprio tempo de produção, não só pelo desenho possuir um fazer próprio, mas também pelo processo de imersão imagética que ocorre diariamente e que influencia minha criação artística. A partir disto passo a trazer dentro da pesquisa influências ocorridas nestes momentos de pausas que se configurariam em cafés da tarde, idas ao cinema, paradas para o intervalo durante as aulas, entre outros. As influências imagéticas que surgem destes momentos partem desde animações até algum cartaz na parede, com isso foi necessária uma análise de quando começou esta predileção que norteia meu imaginário a partir das paradas diárias.

Junto a pesquisa trago trechos do meu Trabalho de Conclusão de Curso, visto que o processo de criação se estende partindo dele. Com isso enfatizo os trabalhos criados e seu contexto ficcional. Atualmente a pesquisa se encontra com a catalogação dos trabalhos feitos, a partir de sua composição visual e de como as linhas se apresentam partindo assim para uma narrativa ficcional.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado das lembranças dos momentos em que assistia TV na casa de meus pais até os desenhos que fiz durante a adolescência. Ou seja, as pausas que surgiam a partir da interação visual com mundos ficcionais resultaram na criação e análise do funcionamento de meu imaginário, apresentado na pesquisa a partir de textos ficcionais. Segue abaixo um pequeno trecho:

Ao serem capturadas as imagens pingam neste lago. As antigas estão ao fundo, e por isso são as mais esquecidas, em alguns momentos boiam para uma camada mais nova, contudo se juntam com outras imagens ao seu redor, ou se transformam por mutações das memórias. Da união dos componentes ao fundo do lago, das montanhas de imagens que o compõe, surgem o chorume, uma união sem forma, mas que poderia ser comparada a uma poça, e dela saem as criações, todas contendo um pouco daquilo que se diluiu, de modo que em alguns momentos não se pode identificar de onde veio a imagem que gerou aquela criação.

Outro resultado da análise de minha criação artística e do trabalho de conclusão de curso foi o de perceber três divisões dentro da produção, **são eles:** trabalhos que remitiam a um mundo imaginário, outros que partiam para objetos e imagens de meu cotidiano de modo a percebe-los como influência para a ficção e não parte dela, por último criações que partem do espaço entre a ficção e o real, como no caso da performance que dou corpo ao Mago, personagem de meu mundo imaginário, através de aparições no mundo real. Além disso se encontra também presente a reflexão do ponto de vista sobre meu desenho trazidas a partir do seu tempo de feitura, faço isso o reconhecendo como pausa, ficção e parte que trilha o meu caminho em meio ao habitar estes momentos.

1.2.1 LEVES, TEMPOS RÁPIDOS E CAPILLUS

Reúnem-se pequenos filamentos que, em curtos e longos grupos, habitam uma caminhada. Esta mostra-se em diferentes distâncias, cada qual com seu respectivo espaçamento, mostra em sua existência um desfazer-se. Um agrupamento de tais filamentos causa um chiado, uma ruptura que chama a atenção de quem olha atentamente, quase como se um formigueiro estático se manifestasse. Há quem diga que sozinhos não tem força, pelo menos se comparados a fios mais longos. Suas hastes não existem visualmente, moldam a partir do ato de fazer, desta forma quem as mantém firmes é o próprio tempo no ato passado.

Predomina-se neste tipo de **Aliquid** passagens curvas, com seu entorno limpo que possibilita um vagar seguro, indicando movimentos e pesos que, em sua distância, só podem ser percorridos pelo tempo do olhar. O certo é que este tipo de **Aliquid** é cheio de caminhos e caminhantes, além de ter em seu domínio um amontoado de fios curtos que ao fim de sua caminhada parece uma espeça parede escura.



Título	Tulpa nº2
Técnica	Nanquim sobre papel
Tamanho	21cm x 30cm
Data	2013

29

Figura 1- Catalogação (registro da página), 2018. Fonte: Autor.

4. CONCLUSÕES

Vejo esta pesquisa como meio de tomar posse de meu próprio tempo, deslocando a mim e aos demais a partir do meu processo de criação e seus resultados trazendo com isto questões da imagem dentro do cotidiano e modos de percebe-la dentro deste processo já citado. Crio com isso uma lucidez de reconhecer um modo de criar a partir de tudo que já foi produzido e que habita, ao mesmo tempo o imaginário coletivo e o meu próprio. Percebo neste trabalho um reconhecimento do desenho como uma linha que se assemelha a um trilho de trem que só segue adiante, em velocidade máxima e fumaça quente, com cheiro de atrito de grafite e borracha queimada que descansa sobre uma mesa. O desenho com um modo de habitar o real e o ficcional, que corre em busca de uma forma de sobreviver dentro da contemporaneidade e suas exigências.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. (2005). *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- ARTIGAS, V. (Dezembro de 1968). *O Desenho*. *IEB*(nº 3), 23-32.
- BORGES, J. L. (2007). *O livro dos seres imaginários*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CABAU, P. (desconhecido de Março de 2011). *O EXERCÍCIO DE DESENHO E OS JOGOS*. *Cadernos PAR*, n.º 04, pp. 33-39.
- CHIRON, É. (Jul/Nov de 2004). *Anatomia do gesto criador em uma prática do desenho*. *Porto Arte*, 1(N. 21), 17-31.
- DERDYK, E. (2001). *Linha de Horizonte: por uma poética do ato criador*. São Paulo: Escuta.
- DERDYK, E. (2007). *Disegno. Desnho. Desígnio*. São Paulo: SENAC São Paulo.
- ECO, U. (1994). *SEIS PASSEIOS PELOS BOSQUES DA FICÇÃO* (Edição 1 ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- FOLHA, M. S. (2017). *Entre Coisas - A Passagem do Mago*. Pelotas.
- GODOY, V. O. (Julho de 2013). *O que o desenho nos propicia?* [dossiê]. *Valise*, 3(n. 5), 85-96.
- GONÇALVES, F. (Julho/Dezembro de 2001). *O desenho e a infância das imagens*. *Projeto*, 3(n.5), 16-19.
- HAN, B.-C. (2017). *Sociedade do Cansaço* (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- KATZ, H., & Greiner, C. (1998). *A Natureza Cultural do Corpo*. Em S. S. Pereira, *Lições de Dança 3* (pp. 77-102). Universidade.
- OSTROWER, F. (2013). *Universo da Arte* (1ª edição ed.). Campinas: Editora Unicamp.
- PIRES, B. F. (2005). *O Corpo como Suporte da Arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem*. São Paulo: SENAC São Paulo.
- POESTER, T. (Novembro de 2005). *Sobre o desenho*. *Porto Arte*, 13(Nº23), 49-58.
- POLIDORO, M. B. (Julho de 2013). *Para atravessar ou para aproximar: o desenho como ponte [dossiê]*. *Valise*, 3(5), 51-59.
- SANT'ANNA, D. B. (2001). *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade.
- MACHADO, Juremir. *As Tecnologias do Imaginário*. Porto Alegre: Sulina. 2012.